

**A tilápia é
o coelho da
Amazônia?**



Curimatã, pirarucu, filhote, aruanã, guri-juba, pacu, com os dias contados? Matrichã, tambaqui, piramutaba, piranha, pirapatinga, ameaçados? Pirananbu, apapá, peixe-cachorro, curimbatá, jatuarana, jaú, condenados? São mais de três mil, as espécies de peixes da Amazônia, a maior biodiversidade aquática do planeta. Toda ela, porém, pode estar ameaçada pelo desmatamento, pela crise climática ou mais imediatamente, pela introdução de espécies exóticas de peixes, como, por exemplo, a tilápia.

A preservação dessa diversidade de peixes e de mamíferos aquáticos – como botos, peixes-boi e golfinhos – deve-se ao fato da bacia amazônica manter-se livre de populações de peixes exóticos, ou seja provenientes de outros lugares do planeta. Esse fenômeno, a introdução de espécies exóticas, acontece na maioria dos ambientes aquáticos e é responsável pela destruição da diversidade local.

A introdução de espécies de outros lugares, muitas vezes para atender caprichos ou situações que poderiam ser contornadas de outras formas, tem um histórico desastroso. Dois exemplos terrestres são bastante ilustrativos: os coelhos na Austrália e os castores, na Terra do Fogo.

Não existiam coelhos na Austrália, mas existiam caçadores que queriam caçar coelhos. Assim, em meados do século XIX, um deles teve uma ideia para resolver esse problema: levou 24 coelhos para caçar na

Austrália. Aparentemente, ele não era bom caçador pois não caçou todos os coelhos e eles se reproduziram loucamente, gerando milhões de animais. Claro que essa quantidade exorbitante de coelhos causa grandes impactos como erosão, desertificação e perdas significativas na agricultura.

Para tentar conter os coelhos, o governo australiano tentou cercas, o que obviamente fracassou, e importou raposas vermelhas, que além de se reproduzirem descontroladamente, atacavam a fauna nativa de marsupiais e aves, gerando mais um problema. Em 1951, a Austrália adotou a guerra biológica: importou um vírus de uma doença de coelhos existente no Uruguai e conseguiu a morte de alguns milhões de coelhos. Depois, porém, vieram os sobreviventes, resistentes a doença, e geraram novas gerações de coelhos imunes. Como se isso fosse pouco, a doença se espalhou e acabou matando uma quantidade enorme de coelhos em outros continentes.

Mais recentemente, a Austrália passou a usar uma nova variante do vírus de uma doença hemorrágica, mortal para os coelhos. O problema é que, como sabemos, os vírus não conhecem fronteiras, nem precisam de vistos, assim sendo a qualquer momento, esse vírus pode se espalhar pelo mundo, e chegar, por exemplo à Península Ibérica, onde se tenta proteger os coelhos. Ali a escassez desses animais ameaça espécies como o lince ibérico e a água imperial espanhola. Outro risco é

que o vírus se torne mais letal ou que comece a infectar outras espécies, história que conhecemos bem depois da Covid-19. Ou seja, o que um capricho de um mau caçador de coelhos pode causar...

Com os castores, na Terra do Fogo, a história é similar. Em 1946, foram importados 25 castores canadenses para a ilha, onde não havia nem castores, nem predadores de castores. A ideia era desenvolver uma indústria de peles para casacos, porém o negócio fracassou. Os castores, no entanto, prosperaram e atingiram uma população de mais de cem mil indivíduos, causando uma enorme degradação das florestas, derrubando árvores e inundando regiões com seus diques. Apesar das diversas tentativas de erradicação dos castores, eles seguem donos da Terra do Fogo.

Com as tilápias não é muito diferente. Esses peixes originários da África tendem a dominar os ambientes onde são introduzidos, pois competem com muita eficiência pelos recursos alimentares, por espaço e por locais de desova, levando ao desaparecimento outras espécies. Há diversos casos documentados de lugares onde a tilápia foi introduzida e causou a extinção das espécies nativas. Imagine as tilápias nadando faceiras nos rios amazônicos...

Seria possível enumerar um conjunto de consequências desastrosas para a Amazônia, derivadas de uma inconsequente introdução

da tilápia na bacia, mas bastam duas. A primeira é o comprometimento da biodiversidade aquática que pode levar a uma degradação em cadeia. O desaparecimento das espécies de peixes causará a extinção de muitas outras espécies, tanto de fauna como de flora, o que transformará o ambiente e pode conduzir à destruição do ecossistema. A segunda, é que não há volta para a introdução de espécies na Amazônia, ou seja, não dá para experimentar e depois decidir que deu errado. Uma vez introduzidas, o dano será irreversível. Coelho e castores não nos deixam esquecer...

Mas ainda assim, há uma forte pressão pela introdução da tilápia, além de algumas iniciativas já em curso, na bacia amazônica. Isso acontece, possivelmente, porque os interesses de curto prazo prevalecem e há pacotes tecnológicos para criação e mercados consumidores garantidos para a tilápia. Mais uma vez, corremos o risco de que não se atente para as consequências desse tipo de ação e tenhamos que pagar um alto preço mais tarde.

A tilápia pode funcionar como uma metáfora da troca da enorme diversidade amazônica - de povos indígenas, comunidades locais, plantas, animais, forma de viver, sabores e curas - por uma forma homogênea de se alimentar e de viver. Trocaremos os mais incríveis sabores, peixes com consistências e gostos diferentes, que suscitam

novas combinações culinárias, por receitas convencionais a base de tilápia.

Amazônia

E eu com isso?

nurit bensusan

ilustrações de Taisa Borges

